

A IDEIA

revista de cultura libertária

II série – vol. 17 – n.º 73-74 – Outono de 2014

ÍNDICE	1	Nicolau Saião	
		Como o outro que diz	65
DECLARAÇÃO		Pedro Oom	
Sobre-Realismo em tempos de Café Gelo / Gelo		Carta a Nicolau Saião com notas	68
em tempos de Surrealismo	3	Três poemas	69
I SURREALISMO & CAFÉ GELO	5	Alfredo Margarido	
Manuel de Castro	7	Um semi-inédito de 1957	71
Cartas inéditas a Helder Macedo com nota deste	9	Surrealismo negro	72
Carta inédita a Carlos Loures com nota deste	13	Paulo Jorge Brito e Abreu	
Poema em catalão por Fêlix Cucurull	15	Bon sauvage	77
Ricardo Ventura		Fernando Botto Semedo	
O espólio de Manuel de Castro	17	Mário Cesariny – a casa da poesia	78
Manuel de Castro (<i>Inéditos</i>)	20	Laurens Vancrevel	
António Barahona		Walking down the streets with Mário Cesariny	79
Mágico, Manuel	25	Carla Ferreira de Castro	
Vasco		Passeando nas ruas com Mário Cesariny	80
Manuel de Castro & Gelo	28	António Cândido Franco	
Luiz Pires dos Reis		O renque tão decisivo do mar e do céu marinho	81
A estela mântica do mito: a rútil construção da argonau	29	Isabel Meyrelles	
Miguel Filipe Mochila		Entrevista	82
Quem tem medo do surrealismo	32	Arnost Budik	
Maria Estela Guedes		Carta inédita a Cruzeiro Seixas	85
Sobre Manuel de Castro – um texto de Herberto Helder	35	Manuel Neto dos Santos	
Maria de Fátima Marinho		Homenagem a Cruzeiro Seixas	87
Vertigens do lugar	39	Raul Leal	
Jorge Telles de Menezes		Carta inédita a Almada Negreiros [trecho]	88
Manuel de Castro: a Luz em viagem	42	anotada por Manuela Parreira da Silva	88
António Cândido Franco		Ruy Ventura	
Manuel de Castro: os versos de gelo	47	Dois testemunhos de Manuel D'Assumpção	90
Arthur Rimbaud		Manuel de Castro entrevista D'Assumpção	93
Últimas palavras escritas	51	D'Assumpção	
Luís Amaro		Carta inédita a João de Vasconcelos	94
O melhor 'retrato' de Mário Cesariny	52	anotada por Ruy Ventura	94
António Salvado		António José Queiroz	
Ao Mário Cesariny, aqui	54	O Pintor	95
Virgílio Martinho		Manuel Hermínio Monteiro	
Sábado Festa	55	Pascoaes de avião	96
Luiz Pacheco		A morte não existe	96
Carta inédita a Virgílio Martinho	56	Teixeira de Pascoaes	
Manuel Silva Ramos		Carta inédita a Albert Vigoleis Thelen	97
Visita a Luiz Pacheco	58	João Mendes de Sousa	
Carlos Mota de Oliveira		No Gancho de António	99
Poema-homenagem	59	Nunes da Rocha	
Almerinda Pereira		Gancharia	100
Luiz Pacheco: notas sobre um pedido de pão	60	Ângelo de Lima	101
Maurícia Teles		Manuel Villaverde Cabral	
Luiz Pacheco	62	Radicalidade estética, radicalidade política	106
Sofia Santos		Luiz Pires dos Reis Donis de Frol Guilhade	
Luiz Pacheco: uma literatura descarnada	63	Varik ou a gesta orgânica na cidade mineral	107
		Amadeu Baptista	
		Viagem nocturna	109

Manuel Silva-Terra		Nuno Mangas Viegas	
De gelo	112	Semente-boca	179
Maria Estácio Marques		Valter Nogueira	
Mário Cesariny – Natália Correia	113	Três poemas	180
João Carlos Raposo Nunes		José Emílio-Nelson	
Manuel de Castro – 1973	114	Aflicção e Cinza	183
Fernando Grade		Paulo Jorge Brito e Abreu	
Manuel de Castro & Companhia	115	Soneto à guisa de Bocage	185
António Cândido Franco		Alexandre Vargas	
O Gelo – do princípio ao fim	117	“Boa noite, senhor Fernando Pessoa”	186
Carlos Loures			
Entrevista	122	IV LEITURAS & NOTAS	187
Helder Macedo		Luís Amaro	
Poema	126	Lembranças avulsas de Gonçalves Correia e seu filho Ferrer	188
CRONOLOGIA	127	Gonçalves Correia	
		Brito Camacho	189
II BRASILINA	131	José Hipólito Santos	
Benjamin Péret		Um militante libertário: Moisés Silva Ramos	190
Uma arte sem rosto	132	João Freire	
Sergio Lima		Paul Goodman	194
Mélusine bleue-nuit	133	Joaquim Palminha Silva	
Alex Januário		Novos instrumentos de manipulação e tortura	196
Transmissões	136	José Maria Carvalho Ferreira	
Grupo DeCollage		Maria Conceição Magos Jorge	197
Cronologia	137	Paulo Guimarães	
Claudio Willer		Nota sobre “Negras Tormentas”, Alexandre Samis	198
Séries	138	Carlos Júlio	
Floriano Martins		Portal Anarquista	201
Visões da névoa: surrealismo & Brasil	140	Jorge M. Colaço	
Lucila Nogueira		Publicações independentes	201
Espelho veneziano	149	Laurens Vancrevel	
Ângelo Monteiro		Le miroir noir de la poésie surréaliste	202
Sem disfarces	151	Miguel Pérez Corrales	
António Cândido Franco		Philip Lamantia	203
Brasílica de Benjamin Péret	152	Jorge Leandro Rosa	
Pietro Ferrua		Para um povoamento da vida poética: Gary Snyder	204
Entrevista	156	Carla Ferreira de Castro	
III DOCUMENTA	159	A irmandade Pré-Rafaelita	206
Agostinho da Silva		Miguel de Carvalho	
Sobre um livro de António Telmo	160	Allan Graubard e o surrealismo hoje	208
Nuno Júdice		Manuel Parreira da Silva	
Lírica, narrativa, poesia	162	“Aviso a tempo por causa do tempo”, Ant. Maria Lisboa	209
Antonio Sáez Delgado		Fátima Sona	
Paisaje	163	Uma cartilha de remos e rimas?	212
António Telmo		Cristina Dias	
Fragmento dum livro inédito	164	A revolução poética de Natália Correia	213
Pedro Martins		António Gonçalves	
Para uma kabbalah pós-atlântica	166	Memória de luz e silêncio [Henrique Risques Pereira]	214
Fiana Hasse Pais Brandão		Rui Sousa	
Cartas inéditas a António Telmo comentadas por António Carlos Carvalho	172	Recordações do Congresso Surrealismo(s) em Portugal	215
Paulo Borges		Sofia Carvalho	
Mãe, Irmã e Amante nossa	177	Triénio pascoalino	217
José Rui Teixeira		Arquivo & Registo	219
Poema	178	Novos Colaboradores	251

O GRUPO DO CAFÉ GELO:

DO PRINCÍPIO AO FIM

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO



O GRUPO DO GELO

— por Benjamim Marques

O nascimento do grupo do Café Gelo está registado em pelo menos dois depoimentos de Helder Macedo, talvez aquele que de forma regular e pertinente mais tem contribuído para *historiar* o grupo. O primeiro, o mais antigo, chamado “Ritos de Passagem”, publicado no catálogo *KWY Paris 1958-68* (Centro Cultural de Belém/Assírio & Alvim, 2001: 69-72), saído das mãos de ouro de Manuel Rosa, estabelece com precisão o momento do nascimento do café como espaço de convívio dum grupo de jovens, a partir do momento em que quatro pintores – René Bertholo, João Vieira, Gonçalo Duarte, José Escada, a que se junta Lourdes Castro – arranjaram uma oficina, no Rossio, em Lisboa, *ao virar da esquina, de esquelha para a estação do Rossio, no sótão do prédio do Beira-Gare* (p. 70). Foram esses quatro jovens que, para a bica, escolheram, entre os muitos cafés e esplanadas que tinham à disposição na praça, o Gelo, talvez o mais neutro e próximo. João Vieira, segundo Macedo, foi o primeiro a adoptar o Gelo para bica e ponto de encontro. Aos quatro iniciais logo se juntaram os amigos mais próximos, aí se criando um grupo fixo, que se encontrava às tardes ou às noites. Helder Macedo não apresenta nesse texto uma data rigorosa para o evento, situando-o apenas cronologicamente nos *anos de 1950, mais precisamente [a] segunda metade dessa década* (p. 69). No segundo texto sobre o assunto, “Raposa branca num campo de neve” (*Relâmpago*, n.º 26, Abril de 2010, pp. 139-147), avança com um ano preciso, 1956, para o momento em que conheceu Mário Cesariny no café. Ora a chegada de Mário Cesariny ao grupo do Café Gelo, em 1956, quase ao virar da primeira para a segunda metade da década, foi temporão. Assim sendo, o início, ou pelo menos a primeira consolidação, do grupo pode ser fixado com algum rigor no ano de 1956.

Quem levou Cesariny ao café da quase esquina do Rossio? Não há indicação em Helder Macedo que aponte para uma resposta. Pela minha parte convenço-me que qualquer dos quatro podia conhecer Cesariny no momento do aluguer do sótão do prédio do Beira-Gare. Lourdes Castro, a mais velha, nascida em 1930, vinda do Funchal, entrara em 1950 na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, onde fechou a licenciatura em 1956. René Bertholo, nascido em 1935, frequentara as Belas Artes de Lisboa e casará com Lourdes Castro em 1957. Gonçalo Duarte, nascido também em 1935, frequenta o Pedro Nunes, a António Arroio e depois as Belas Artes, onde conhece Lourdes e Bertholo. José Escada, nascido em 1934, ingressou na mesma escola em 1950 e nela conheceu os amigos com quem viria a alugar o sótão. João Vieira, nascido no mesmo ano de Escada, teve idêntico percurso, chegando à Escola em 1951. Ora nesta altura ainda António Maria Lisboa, apenas dois anos mais velho do que Lourdes Castro, estava vivo e frequentava a oficina de Isabel Meyrelles na Travessa do Ferragial, onde foi tirada a fotografia dos telhados com Mário Henrique Leiria, Cesariny e Cruzeiro Seixas. Em todo o caso, a partir daquilo que conheço, é impossível dizer qual deles chamou para o meio do grupo Mário Cesariny, que logo se tornou, pelo ascendente da idade, pela obra editada desde 1950, pelas relações que tivera com António Maria Lisboa, pela presença em Paris em 1947 junto de André Breton, um centro magnético. Gonçalo Duarte, pela colaboração dada à *Antologia Surrealista do Cadáver Esquisito* (1960), pelo entusiasmo com que aderiu ao surrealismo e citou Cesariny, é talvez uma hipótese forte, mas não segura, da chegada de Cesariny ao grupo.

Deve-se com certeza a Gonçalo Duarte a chegada ao grupo de dois dos seus amigos, Helder Macedo e Manuel de Castro, o primeiro antigo colega do liceu Pedro Nunes e o segundo visitante esporádico do mesmo liceu. O retrato que Macedo, no primeiro texto, faz de Manuel de Castro nesta época, os derradeiros semestres da década de 40, e neste liceu, Pedro Nunes, que classifica de *improvável*, é muito preciso e vale a pena ser transcrito: *também apareceu a rondar por ali [Liceu Pedro Nunes] o Manuel de Castro, elegantíssimo e a ganhar sempre em todos os jogos enquanto proferia enigmas esotéricos*. Andavam os três – Castro, Macedo, Duarte – por volta dos 15 anos. Aos três, junta-se